



A dama dos livros em seda: Martha Pawlowna Schidrowitz

The lady of silk books: Martha Pawlowna Schidrowitz

Aline Haluch, Esdi/Uerj

ahaluch@esdi.uerj.br

Helena de Barros, Esdi/Uerj

helenbar@esdi.uerj.br

71

Resumo

Este artigo investiga a trajetória de Martha Pawlowna Schidrowitz durante seu exílio no Brasil nas décadas de 1930 e 1940, acompanhada pelo marido, o editor vienense Leopold Schidrowitz. Martha realizou trabalhos editoriais pouco reconhecidos pela Memória Gráfica Brasileira, especialmente a coleção de livros da Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Cattleya Alba (CBBCA). A partir do cruzamento de múltiplas fontes, físicas e digitais, o estudo discute a representatividade feminina na história do design, problematizando a invisibilidade de Martha em contraste com a notoriedade de Leopold. O trabalho da artista, ainda pouco reconhecido, instiga reflexões sobre autoria e gênero no campo editorial brasileiro da primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Memória Gráfica Brasileira; mulheres pioneiras no design; projeto editorial; autoria no design.

Abstract

This article investigates the trajectory of Martha Pawlowna Schidrowitz during her exile in Brazil in the 1930s and 1940s, accompanied by her husband, the Viennese publisher Leopold Schidrowitz. Martha carried out editorial work that remains little recognized within Brazilian Graphic Memory, particularly the book collection of the Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Cattleya Alba (CBBCA). Drawing on multiple physical and digital sources, the study discusses female representation in the history of design, problematizing Martha's invisibility in contrast to Leopold's notoriety. The artist's work, still largely overlooked, prompts reflections on authorship and gender in the Brazilian publishing field of the first half of the twentieth century.

Keywords: *Brazilian Graphic Memory; women pioneers in design; editorial project; authorship in design.*





Introdução

O interesse inicial desta investigação foi identificar contribuições femininas no universo do design gráfico e da ilustração editorial no Brasil, colaborando com a Memória Gráfica Brasileira. A pesquisa insere-se no contexto mais amplo sobre a representação da mulher na primeira metade do século XX na imprensa carioca. Este artigo deriva de uma tese de doutorado em andamento e quer evidenciar a atuação da mulher no meio editorial, tanto na construção de textos quanto nas artes gráficas.

Nesse contexto, será evidenciado o protagonismo criativo da imigrante austríaca Martha Pawlowna Schidrowitz e sua produção editorial no Brasil, especialmente em títulos impressos em seda e com acabamentos especiais, que imprimem uma expressão gráfica autoral a essas peças.

Buscamos compreender a trajetória de uma mulher estrangeira que, refugiando-se no Brasil às vésperas da Segunda Guerra Mundial, em razão da ascendência judaica do marido, encontrou meios de se estabelecer e prosperar profissionalmente. Martha, que já exercia as funções gráfico-editoriais na editora Gloriette-Verlag, dirigida pelo marido, na Áustria, engajou-se em serviços similares para casas prestigiadas, como a Livraria do Globo, em Porto Alegre, e a José Olympio, no Rio de Janeiro. Na coleção criada para a Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Cattleya Alba (CBBCA), Martha combinou materiais nobres e técnicas que exigiam profundo domínio de produção gráfica, articulados ao que se encontrava disponível no Rio de Janeiro da época.¹ A alternância entre textos de autores brasileiros e europeus revela uma visão editorial atenta tanto aos clássicos quanto aos novos nomes em ascensão. Sua autoria na criação de edições especiais para colecionadores aponta uma contribuição feminina pouco conhecida pela história do design no Brasil. Tais indícios exigem do historiador do design a capacidade de reconstituir o conjunto de evidências — materiais e digitais — para que hipóteses possam ser verificadas e problematizadas considerando-se o contexto mais amplo de sua produção.

Será discutido o método de investigação histórica que combina revisão bibliográfica e cruzamento de múltiplas fontes. Entre as fontes secundárias, destacam-se publicações e anúncios em periódicos da época e registros dessas obras, hoje ainda mais raras, mas que, eventualmente, circulam em leilões online promovidos por sebos e antiquários, além de páginas com informações biográficas úteis na composição de um mosaico histórico. Entre as primárias, considera-se a observação de exemplares originais, em guarda em instituições arquivísticas. A intenção é destacar métodos e abordagens que mostrem a relevância da obra de Martha para a Memória

¹ A complexidade técnica da produção dos livros da Cattleya Alba pode ser observada, por exemplo, nas três edições analisadas. *A dama de espadas* (1945) teve a seda fornecida pela S. A. Tecidos Werner, de Petrópolis (RJ); os clichês, pelos Ateliers Reunidos; e a composição e a impressão pela Tipografia Marques e Saraiva, com encadernação da Livraria Geral Franco-brasileira. *The winter's tale* (1946) articulou a atuação dos Ateliers Reunidos (direção artística e impressão das ilustrações), da Gráfica Olímpico (composição) e das Artes Gráficas Modelar (texto). Foi também finalizado pela Livraria Geral Franco-brasileira. Já *Juca Mulato* (1947) mobilizou a Fotogravura São Jorge e a Gráfica Baratz e Cia Ltda., com encadernação da Saint Étienne. A multiplicidade de fornecedores evidencia a sofisticação gráfica e a coordenação necessárias para materializar tais projetos editoriais. Fonte: levantamento feito pelas autoras nos colofões dos próprios livros.

Gráfica Brasileira, somando-se a outras publicações de coleções exclusivas já reconhecidas pelo design nacional, como *O gráfico amador* e a coleção de livros *Os cem bibliófilos*.

Sobre a inserção de Martha Schidrowitz no cenário editorial brasileiro

O foco da investigação inicial desta pesquisa concentrava-se na primeira metade do século XX, especialmente nas décadas de 1930 e 1940, antes de os cursos de design e produção editorial serem institucionalizados no país. É consenso que este período foi marcado pelo experimentalismo gráfico, pela influência modernista, pela circulação de impressos estrangeiros e pela presença de artistas imigrantes que dialogavam com o campo das artes gráficas. Nesse contexto, buscamos localizar circuitos de artistas que se valeram da expansão do mercado editorial brasileiro para experimentar novas linguagens, mesclando o interesse nos temas de identidade nacional e o frescor de ideias vanguardistas europeias trazidas por imigrantes. Na década de 1939, a Livraria do Globo, em Porto Alegre, já se destacava por suas oficinas de composição bem estruturadas. A partir de 1936, sob a direção de Erico Verissimo, passou por um processo de profissionalização, no qual o editor incorporou a preocupação com a qualidade gráfica e literária das obras (Hallewell, 2005, p. 441). A família Schidrowitz, recém-chegada ao país, havia se instalado em Porto Alegre. A Livraria do Globo foi a primeira editora a mencionar a colaboração de Martha. No Rio de Janeiro, a partir de 1937, o editor José Olympio inicia a publicação de títulos de autores nacionais e estrangeiros, igualmente prezando pela excelência. Ele trouxe o projeto gráfico do livro para o centro de sua produção, numa época em que a produção editorial brasileira ainda tinha dificuldades de afirmação qualitativa.

José Olympio deu espaço para artistas como Tomás Santa Rosa, Raul Brito e Luis Jardim, entre outros. Nos anos 1960, Poty Lazzarotto, Eugênio Hirsch e Teresa Nicolau também passaram a integrar esse circuito.

Na década de 1940, a José Olympio decidiu publicar uma coleção com todos os livros de Dostoiévski, em dez volumes, fartamente ilustrados. Nela, além do vienense Axl Leskoschek, também exilado por causa da perseguição nazista, Martha Schidrowitz ilustra o livro *Nietótchka*. Ela foi a única mulher identificada no time de artistas dessa série, que contava com colaborações dos renomados Oswaldo Goeldi, Tomás Santa Rosa, Darel Valença Lins, Luís Jardim, Marcelo Grassmann e Danilo di Prete (Hallewell, 2005, p. 516).

Nosso interesse era investigar o protagonismo de mulheres no meio gráfico-editorial — a partir desta primeira citação. Ao buscarmos outras obras de Martha Schidrowitz, foi localizada a edição de *A dama de espadas*, de Alexandre Puschkin (Figura 1). Como pode ser observado na imagem, não se trata de um livro convencional. O exemplar impresso em seda apresenta ilustrações coloridas em aquarela, tem as páginas em concertina com corte em zigue-zague nas canaletas e é acondicionado numa caixa de seda gravada em clichê. A singularidade material deste exemplar conduziu a novas investigações sobre outras obras ilustradas por Martha, sua colaboração com o marido e o contexto editorial em que atuaram.

Figura 1. Livro *A dama de espadas*, caixa, capa e amostra das páginas internas, edição especial impressa em seda. PUSCHKIN, Alexandre. *A dama de espadas*. Rio de Janeiro: Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Cattleya Alba, 1945. Formato 13,5 x 20,5 cm.



Fonte: Palácio Piratini. Fotos: Fernando Bueno. Acesso em: 15 fev. 2025.

A investigação perseguiu três objetivos: examinar a produção editorial de Martha Schidrowitz, com ênfase em materialidade e autoria; conceber conceitos de autoria, gênero e sua relação com o design e a manufatura; e refletir sobre a metodologia que articula fontes digitais e observação material. Esses eixos estruturam a discussão que se segue no enquadramento teórico.

Enquadramento teórico

Considerando o pouco conhecimento sobre a biografia e a obra de Martha Schidrowitz durante seu exílio no Brasil e a relevância de sua produção gráfico-editorial, este estudo propõe uma leitura de suas obras a partir do campo do design, particularmente nas relações entre autoria, materialidade e gênero. Interessa-nos evidenciar a importância do livro como espaço de experimentação artística e de valor histórico, mesmo em edições de tiragem limitada, a partir da noção de *função-autor*.

Chartier (1999) lembra que, para compreender a relação entre literatura e história, é preciso considerar a pluralidade de operações e de agentes que produzem e publicam um texto, bem como os efeitos que suas formas materiais exercem sobre o sentido. A escolha do texto e sua materialidade estão diretamente vinculadas às linhas editoriais que orientam essas decisões. Foucault (2002) observa que a função-autor não surge espontaneamente, mas resulta de uma operação complexa que constrói a figura do autor como aquele que elabora o discurso e por ele é reconhecido. Essa concepção pode ser estendida a diferentes campos criativos, nos quais a autoria opera como um dispositivo discursivo: diversos colaboradores podem participar de uma mesma obra, unificada sob um nome autoral, que oculta instâncias criativas múltiplas. Foucault acrescenta que a autoria adquire um papel fundador quando certos pensamentos inaugurais passam a sustentar novos discursos. Nesse ponto, Chartier retoma as reflexões de Foucault sobre a separação entre o sujeito que escreve e o sujeito ao qual o discurso é atribuído, destacando a complexidade da função-autor na mediação entre indivíduo, obra e reconhecimento social.

Nesse sentido, a trajetória de Martha Schidrowitz mostra-se atravessada por múltiplas dimensões, que incluem sua formação artística no Leste Europeu, sua condição de imigrante no Brasil e sua articulação com autores, artistas e intelectuais brasileiros. Nos livros da coleção da CBBCA, ela constrói um discurso visual singular, combinando recursos estéticos, tipográficos e ilustrativos que concebem o livro como objeto único e traduzem um repertório híbrido, no qual dialogam tradições europeias, literatura russa e temas brasileiros. No campo do design editorial, o tratamento dado pelo designer ou artista a um texto confere a cada edição singularidades próprias, de modo que diferentes projetos podem originar obras com caráter expressivo distinto, fenômeno análogo ao das múltiplas traduções de um mesmo conteúdo. No caso de Martha, o domínio do processo editorial evidencia sua autoridade e sua *expertise* na concepção e no gerenciamento da produção gráfica da CBBCA, desenvolvida em etapas complementares e em colaboração com diferentes empresas. Essa atuação aproxima sua prática da função-autor, já que o sentido das obras deriva do texto literário e das operações materiais e discursivas que as configuram.

À luz das discussões contemporâneas de gênero, é possível perceber com maior clareza essas dinâmicas. Elas já atravessavam o processo e ajudam a explicar a ausência de pleno reconhecimento de sua importância na época. O reconhecimento autoral no campo editorial frequentemente privilegiava editores e escritores homens, invisibilizando as contribuições femininas, sobretudo no que dizia respeito ao projeto gráfico. A atuação de Martha como ilustradora e idealizadora de edições sofisticadas, muitas vezes sem créditos completos, remete a uma divisão histórica do trabalho criativo que associava as mulheres à colaboração, e não à autoria.

Margareth Rago (1998) defende que a inclusão das mulheres no discurso histórico não deve restringir-se à adição de nomes, mas pressupõe a formulação de novas categorias capazes de reconhecer as práticas femininas no passado. A história das mulheres demanda interpretações que escapem à lógica masculina e permitam compreender os modos particulares de atuação e expressão feminina, muitas vezes silenciados ou deslocados para um lugar secundário. Concordando com Rago, o tratamento minucioso que Martha dava à capa e ao projeto dos livros caracteriza uma atenção especial aos detalhes, que aproxima o artefato, realizado por meios industriais, de uma obra artesanal, como colando manualmente pequenos papéis que eram coloridos após a impressão.

Figura 2. Detalhe da página do miolo do livro *The winter's tale*, que tem a ilustração impressa numa pequena página de papel vegetal, colorizada após a impressão e colada no espaço reservado na página do livro. SHAKESPEARE, William. *The winter's tale*. Tradução de Álvaro Moreyra. Rio de Janeiro: Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Cattleya Alba/ Ursula Erika Schidrowitz, 1946. Formato 20 x 22 cm.



Fonte: registro fotográfico das autoras a partir de acervo do Museu da Chácara do Céu (RJ), 2025.

Ao discutirmos a autoria de Martha Schidrowitz, alinhamos também a análise ao argumento de Ana Paula Simioni (2007) sobre o apagamento de artistas mulheres em contextos modernistas. A autora demonstra como produções manuais, tradicionalmente associadas ao universo feminino — como o têxtil ou o ilustrativo —, foram historicamente desvalorizadas e interpretadas como secundárias em relação às expressões intelectuais ou plásticas. O caso de Martha se insere nessa lógica: embora suas contribuições indiquem sofisticação técnica e conceitual, seu reconhecimento permaneceu restrito ao papel de ilustradora, enquanto a autoria editorial foi atribuída prioritariamente a Leopold Schidrowitz. Essa assimetria obscurece sua atuação como agente do planejamento e da concepção dos livros, reduzindo sua prática à execução manual, quando, de fato, evidencia um domínio integral do processo de design.

A análise de sua obra possibilita refletir sobre essas tensões. Suas edições não apenas demonstram domínio técnico e apuro estético, mas revelam decisões gráficas conscientes que ultrapassam a mera execução visual. A repetição de certos materiais, a elaboração de estruturas narrativas visuais, a composição tipográfica e a escolha iconográfica sugerem um projeto autoral coeso. Ainda que não creditada como designer ou diretora de arte, sua atuação aponta para essas funções de maneira implícita.

Este estudo, portanto, ancora-se em uma perspectiva crítica do design, que problematiza os modos de atribuição de autoria e valor e busca ampliar o campo historiográfico relacionado ao trabalho feminino. A atuação de Martha em uma coleção de livros singulares mostra, sob uma perspectiva contemporânea, de que maneira seu trabalho pode ser inserido na historiografia do design brasileiro como uma contribuição marcada pelo caráter transnacional e pela articulação entre diferentes linguagens e técnicas.

Diante desse enquadramento teórico, torna-se necessário explicitar o percurso metodológico adotado, que combina o levantamento de fontes documentais e digitais com a análise material das obras, de modo a evidenciar a complexidade gráfica e editorial da autoria de Martha.

Métodos de pesquisa e a importância do cruzamento digital-material

A busca pelos exemplares de Martha Schidrowitz para a CBBCA incluiu o levantamento em repositórios digitais, triagem e a crítica das fontes, além do confronto com exemplares físicos. As pesquisas iniciaram na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, onde apenas foram encontradas reportagens e notas da imprensa a respeito de Martha e alguns de seus livros. No setor de Obras Raras da Biblioteca Nacional, não se encontrou nenhum exemplar para consulta. Em seguida, outras bibliotecas foram consultadas e contatadas para a observação dos exemplares físicos. Três obras foram localizadas no Museu da Chácara do Céu, onde se observaram os exemplares de *A dama de espadas* (em seda), *The winter's tale* e *Lendas brasileiras*. Na Biblioteca Rodolfo Garcia/Academia Brasileira de Letras, foram observados *A dama de espadas* (em papel) e *Juca Mulato*. Na Biblioteca Peck Pinheiro, encontrou-se o exemplar de *Cântico dos cânticos*. Dessa forma, dos oito livros criados para a CBBCA, apenas dois não puderam ser observados fisicamente, pois ainda não haviam sido localizados em nenhum acervo institucional.

Enquanto eram analisados os livros disponíveis, a investigação em repositórios digitais buscava complementar as informações das obras ausentes, bem como da família Schidrowitz. Além dos recursos nacionais, recorreu-se a páginas internacionais de genealogia e o *Biographical dictionary of refugees of Nazi Fascism in Brazil* (Casa Stefan Zweig, 2022), que forneceram dados de datas e vínculos familiares.

O conjunto das fontes consultadas — imagens, metadados, catálogos, textos e a própria materialidade dos livros — permitiu a constituição de um *corpus* híbrido e interdisciplinar, em constante expansão. Reconhece-se, contudo, que as informações obtidas em páginas não institucionais apresentam confiabilidade limitada, podendo conter dados imprecisos ou inverídicos. Por essa razão, as imagens disponíveis em sites de leilões foram tratadas como registros complementares e sempre confrontadas com outras evidências, como anúncios em periódicos da época, catálogos e, sobretudo, livros físicos. Essa etapa foi decisiva para validar o *corpus*, pois a análise direta mostrou aspectos táteis e visuais — relevo, textura, espessura do papel, qualidade do tecido, marcas de impressão — inacessíveis em reproduções digitais. O cruzamento entre dados digitais e a experiência material tornou possível, assim, uma compreensão mais consistente e expandida do objeto gráfico. O ofício historiográfico requer conhecer o conjunto de evidências, pois só a visão do todo permite testar hipóteses e problematizar o contexto de produção.

Nas últimas décadas, o acesso a arquivos digitais tornou-se um recurso fundamental para a pesquisa histórica, embora sua relevância metodológica nem sempre seja destacada nos estudos acadêmicos. A forma como o pesquisador localiza imagens e informações sobre objetos materiais integra o próprio processo de investigação e constitui um eixo central para o resgate de fragmentos

e registros dispersos, especialmente no escopo da História Nova (Burke, 1992), que reconhece o valor de objetos fora do cânone tradicional.

A pesquisa em ciências humanas sempre incorporou novas tecnologias. Com a digitalização de acervos e o uso de ferramentas de busca e organização, ampliaram-se os debates sobre as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) e sobre as humanidades digitais, que articulam métodos historiográficos tradicionais com práticas de rastreamento digital (Brasil & Nascimento, 2020). Entretanto, esses recursos impõem desafios: os repositórios digitais carecem de metadados consistentes, apresentam erros de digitalização e lacunas de indexação. Além disso, a escolha de palavras-chave envolve antecipações interpretativas que condicionam o percurso da pesquisa, diferindo a busca por um objeto conhecido da investigação de uma hipótese em construção.

Dessa maneira, é imprescindível que os resultados obtidos digitalmente sejam confrontados com fontes documentais físicas. Esse cruzamento assegura o rigor necessário para a validação da pesquisa na comunidade científica. Matthew Bird (2023) enfatiza que a confiabilidade das informações na internet não está na força de uma única fonte, mas na articulação entre diferentes ferramentas e canais:

O desafio de usar a internet com sucesso é encontrar maneiras de produzir resultados confiáveis, verdadeiros e completos. Cada recurso online tem vantagens e desvantagens, tornando-o útil, mas não confiável quando usado isoladamente como ferramenta de pesquisa. Usar recursos da web como uma rede de ferramentas interligadas agrupa seus pontos fortes para superar fraquezas individuais. Eles são transformados de uma mera curiosidade em um recurso inovador (Bird, 2023, p. 112, tradução nossa).

Ferreira e Batista (2018) defendem que o estudo do livro como patrimônio exige o reconhecimento de dimensões estéticas, materiais e singulares. Ana Luiza Martins (2009) reforça que raramente as fontes estão dadas ou organizadas. É preciso construí-las a partir da seleção de fragmentos heterogêneos que, combinados, permitem desvendar aspectos da cultura gráfica e de seus ruídos. A formulação do *corpus* constitui, nesses casos, parte do próprio gesto historiográfico. A coleção de livros da CBBCA exemplifica esse processo: ainda que cada exemplar seja valorizado no mercado de leilões como peça rara e autônoma, sua importância enquanto conjunto permanece desqualificada. Nem mesmo o Museu da Chácara do Céu, que preserva o acervo do bibliófilo Raymundo Castro Maya, membro da confraria, reúne a coleção completa. Assim, é o olhar historiográfico desta pesquisa que propõe compreender tais edições como um *corpus*, conferindo-lhes unidade e relevância no campo do design e da memória gráfica.

A metodologia conjuga revisão bibliográfica, análise documental e observação direta com ferramentas digitais e estratégias não convencionais de rastreamento e organização de dados. Essa abordagem mostra-se especialmente potente quando o objetivo é resgatar trajetórias pouco documentadas, como a de Martha Pawlowna Schidrowitz, cuja obra se inscreve entre o efêmero e o raro, o artesanal e o artístico, o mercado e a memória.

Nesse sentido, compreender os livros como *corpus* implica também considerar as condições de sua produção e sua circulação, o percurso biográfico da artista e os contextos culturais que marcaram sua inserção no Brasil. É a partir desses elementos que se pode avançar para a análise dos dados biográficos e da cultura material relacionados à coleção.



Dados biográficos e cultura material

Martha Pawlowna Schidrowitz nasceu em 1892, em Riga, atual capital da Letônia. Formou-se em artes em Moscou e, em 1922, casou-se em Viena com o editor Leopold Jerônimo Schidrowitz. O casal imigrou para o Brasil em 1938, em razão da perseguição nazista, estabelecendo-se inicialmente em Porto Alegre e, posteriormente, no Rio de Janeiro. Leopold retornou a Viena em 1949, seguido por Martha em 1951. Ela faleceu na capital austríaca em 1974.²

79

A chegada ao Brasil representou um recomeço. Sem domínio do idioma e com poucos contatos, a família enfrentou as dificuldades do exílio. Mesmo nesse contexto adverso, iniciou-se uma atuação editorial relevante. O primeiro registro é o livro comemorativo do bicentenário de Porto Alegre, editado por Leopold Schidrowitz pela Tipografia do Centro, em tiragem limitada e acabamento refinado. Esse projeto marca o início de uma linha editorial voltada à produção de obras singulares, com atenção especial ao acabamento gráfico (Franco; Silva; Schidrowitz, (1940).

Em 1941, já estabelecidos no Rio de Janeiro, os Schidrowitz consolidaram sua atuação com a criação de uma editora própria, prestando serviços também para a Livraria José Olympio. Entre 1945 e 1948, a CBBCA, da qual Leopold Schidrowitz era um dos diretores, reuniu cerca de 200 afiliados e publicou oito títulos ilustrados por Martha. A proposta editorial voltava-se a um público de colecionadores e intelectuais, com projetos gráficos sofisticados e autorais.

Após o retorno de Leopold à Europa, em 1949, Martha permaneceu no Brasil com a filha, Ursula Erika, que assumiu a continuidade do trabalho editorial. Essa permanência reforça a hipótese de que Martha assumiu a concepção e a realização dos livros, preservando os padrões gráficos e artísticos mesmo na ausência do marido.

A análise de sua trajetória evidencia a complexidade da inserção no campo editorial brasileiro. Imigrante em exílio e atuando em colaboração com a família, a artista desenvolveu projetos que desafiam classificações convencionais ao articular arte, design e manufatura. Suas edições resultam de um repertório visual híbrido, que combina a formação adquirida na Europa Central com a experiência vivida no Brasil, e se inserem em uma rede de sociabilidades intelectuais e produtivas que reunia escritores, tradutores, encadernadores, gravadores e colecionadores.

² Disponível em: <https://www.geni.com/people/Martha-Schidrowitz/6000000095743513165> Acesso em: 20 set. 2025.

A materialidade das edições Cattleya Alba

Entre os livros publicados pela CBBCA, foram selecionados, para este artigo, três deles para uma análise crítica articulada a questões teóricas.

Figura 3. Selo da Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Cattleya Alba (com o nome Confraria Bibliófila Brasileira Cattleya Alba). (CASCUDO, Luís da Câmara. **Lendas brasileiras**: 21 histórias criadas pela imaginação de nosso povo. Rio de Janeiro: Cattleya Alba, 1945).



Fonte: foto das autoras.

Lendas brasileiras

O primeiro título publicado pela CBBCA foi *Lendas brasileiras*, de Luís da Câmara Cascudo, lançado em 1945. Reunindo vinte e uma lendas do folclore nacional, a obra foi interpretada por Martha Schidrowitz com representações expressionistas que se articulam a uma iconografia brasileira marcada por referências indígenas, valorizando os corpos não brancos, sem recorrer a estilizações caricaturais das feições negras e indígenas, comuns à época. O projeto resulta em uma síntese entre experimentalismo gráfico e sofisticação editorial, inserindo histórias regionais em um circuito intelectual por meio de um formato luxuoso. A contribuição de Martha evidencia-se não apenas nas ilustrações, mas na concepção visual integrada da edição. A escolha de materiais distintos e a produção de variantes reforçam a noção do livro como artefato exclusivo, concebido para uma circulação restrita, com ênfase na materialidade e no gesto artesanal.

Figura 4. Edição de *Lendas brasileiras: 21 histórias criadas pela imaginação de nosso povo*, com capa revestida em tecido vermelho e figura central fundida em cobre a partir de matriz em cerâmica feita por Martha, fixada sobre a capa. Ilustrações do miolo desenhadas originalmente em carvão, impressas em preto e cinza, de autoria de Martha Schidrowitz (CASCUDO, Luís da Câmara. *Lendas brasileiras: 21 histórias criadas pela imaginação de nosso povo*. Rio de Janeiro: Cattleja Alba, 1945). Formato 36 x 49,5 cm.



Fonte: registro fotográfico das autoras a partir de acervo do Museu da Chácara do Céu (RJ), 2025.

A dama de espadas

Obra central deste estudo, *A dama de espadas*, de Alexandre Puschkin, teve duas edições distintas, em seda e em papel, ambas lançadas em 1945. O projeto gráfico destaca-se pelo uso de tipografia inspirada em caracteres russos, capitulares ornamentadas e molduras nos blocos de texto, reforçando o diálogo entre discurso verbal e visual. A iconografia explorada por Martha representa a aristocracia russa, em contraste com as figuras populares de *Lendas brasileiras* e evidencia seu domínio não apenas técnico, mas também interpretativo. A opção pela seda como suporte expressa ainda a amplitude de sua cultura material do livro, pois, longe de ser mero recurso de luxo, dialoga com tradições históricas que remontam a práticas orientais, como os livros de seda chineses, indicando que Martha dominava e evocava um repertório cultural sofisticado na concepção de suas edições.

Figura 5. PUSCHKIN, Alexandre. **A dama de espadas**. Rio de Janeiro: Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Cattleya Alba, 1945. Capa, miolo, detalhes ampliados da ilustração e tipografia. Formato 13,5 x 20,5 cm.



Fonte: registro fotográfico das autoras a partir de acervo do Museu da Chácara do Céu (RJ), 2025.

Além de reafirmar a participação de Martha Schidrowitz, a edição explicita o propósito editorial da CBBCA, que era publicar anualmente uma obra da literatura brasileira acompanhada de outras três de diferentes tradições culturais. Os primeiros títulos programados incluíam autores do Brasil, da Rússia, da Inglaterra, da França e da Grécia. Essa curadoria demonstra a preocupação em articular valor literário, diversidade cultural e excelência gráfica, incluindo autores e temas brasileiros em um circuito cultural estratégico e conferindo-lhes a mesma autonomia criativa e o mesmo *status* de países tradicionalmente reconhecidos na produção editorial de luxo. Assim, a CBBCA consolidava-se como espaço de experimentação autoral e de circulação transnacional do livro.

The winter's tale

The winter's tale, de William Shakespeare, publicado em 1946, apresenta capa em couro e ilustrações impressas e coloridas à mão sobre papel vegetal, aplicadas às páginas impressas. O recurso de sobreposição de camadas, pouco usual no contexto editorial brasileiro, valoriza a edição com elaboração artesanal que reforça o caráter de objeto exclusivo, projetado para um público restrito de colecionadores. Além desse cuidado com a materialidade, a decisão de manter o texto no idioma original reforça a dimensão elitista da obra, destinada aos confrades da CBBCA e marcada por uma circulação culturalmente seletiva, tornando-se atrativa não somente para o mercado brasileiro.

Figura 6. SHAKESPEARE, William. *The winter's tale*. Rio de Janeiro: Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Cattleya Alba/Editora Ursula Erika Schidrowitz, 1946. Capa com detalhes em couro, frontispício e duas páginas de miolo. Formato 20 x 22 cm.

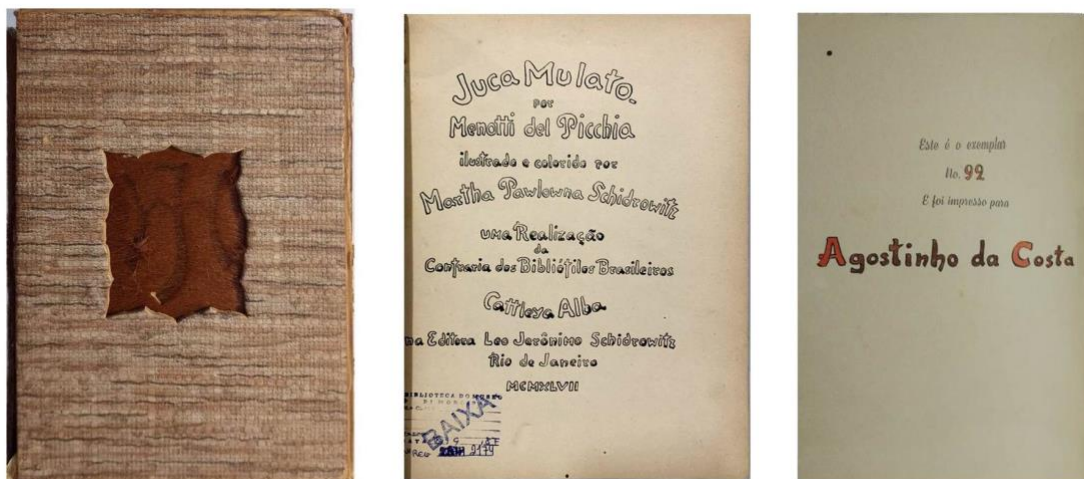


Fonte: registro fotográfico das autoras a partir de acervo do Museu da Chácara do Céu (RJ), 2025.

Juca Mulato

Publicado em 1947, *Juca Mulato*, de Menotti del Picchia, remete-se à linguagem rústica e regional do personagem-título, reforçando a articulação entre forma e conteúdo. O projeto combina uma tipografia manuscrita no miolo, contrastando com o frontispício em letras-caixa de hierarquias bem definidas e ilustrações aquareladas das cenas.

Figura 7. DEL PICCHIA, Menotti. **Juca Mulato**. Ilustração de Martha Pawlowna Schidrowitz. Luva com janela em faca tipográfica, capa, frontispício e página com nome do bibliófilo em cores. Formato 16 x 23 cm.



Fonte: rtleiloes.com.br, flaviasantosleiloes.com.br, veranunesleiloes.com.br.

Obs.: Como não foi autorizado o registro fotográfico na Biblioteca da ABL, utilizam-se imagens obtidas em sites de leilão, ajustadas digitalmente.

Sua materialidade combina recursos sofisticados, como o couro com pelos, o monograma gravado em clichê aquecido e a luva recortada em faca tipográfica, aliados a diferentes linguagens gráficas. Os desenhos a traço, coloridos manualmente, apresentam simplicidade poética, enquanto outras imagens exploram contrastes fortes, próximos da xilogravura. Nessas escolhas visuais, Martha reforça sua atuação para além da função de ilustradora e se coloca como agente do projeto editorial, traduzindo o texto literário em imagens que participam da autoria do livro e tensionam a forma como a iconografia negra circulava naquele período.

Figura 8. Representações de Juca Mulato em diferentes linguagens gráficas, com aquarela vibrante e traço dramático em claro-escuro, próximo ao estilo xilográfico.

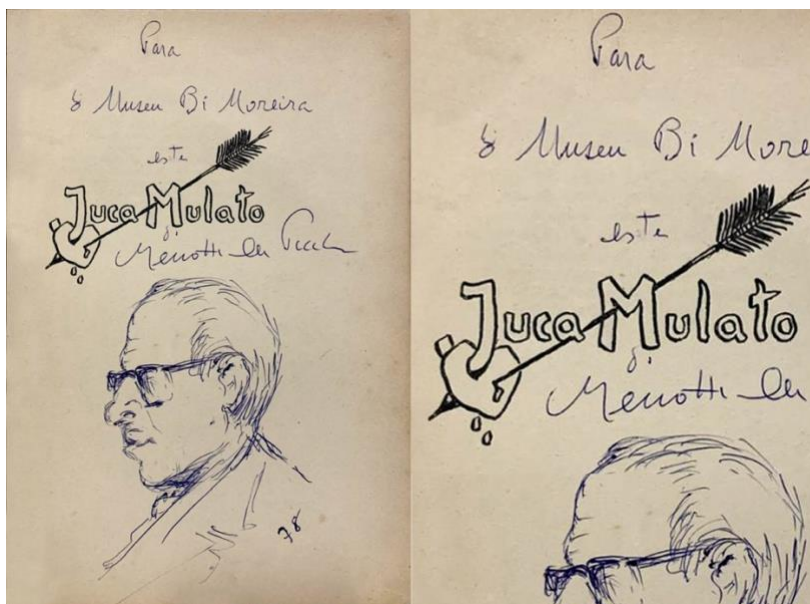


Fonte: rtleiloes.com.br

Na falsa folha de rosto, o título do livro aparece integrado visualmente a um coração flechado, compondo uma imagem-síntese da narrativa. As letras capitais J e M são ligadas por uma flecha que atravessa o conjunto e sustenta o coração como um berloque. Essa solução gráfica une

tipografia, símbolo e ornamentação, demonstrando a capacidade de Martha de articular sentido visual com densidade simbólica. Além disso, a CBBCA confere à obra um valor simbólico ao investir em um tratamento sofisticado para a edição de um texto modernista, ressaltando o lugar de distinção que esses projetos buscavam ocupar no cenário editorial.

Figura 9. Detalhe do título do livro na falsa folha de rosto do livro *Juca Mulato*. Folha inteira com dedicatória e detalhe ampliado.



Fonte: veranunesleiloes.com.br

Martha Schidrowitz investe em ousadas possibilidades do design editorial no Brasil, em um período anterior à institucionalização do ensino, explorando fronteiras entre arte, manufatura, práticas gráficas experimentais e processos de produção complexos. Metodologicamente, o caso demonstra como o cruzamento entre dados digitais e observação material pode oferecer perspectivas complementares para a pesquisa histórica. A análise de fontes digitais, associada à apreciação direta dos objetos, permitiu reconstruir, através de fragmentos, a coesão e a ousadia de uma produção até então invisível, mostrando a potência desse tipo de abordagem para os estudos em memória gráfica.

A questão de gênero é igualmente central. A invisibilidade de Martha nos registros bibliográficos e na crítica da época reforça a necessidade de categorias específicas para compreender autorias femininas, frequentemente apagadas diante do protagonismo de editores homens. Reconhecer sua atuação implica repensar o modo como narrativas dominantes sobre o design se consolidaram, marcadas pela exclusão das mulheres.

Desse modo, a coleção da CBBCA traz elementos que permanecem atuais. Suas edições desafiam concepções tradicionais de design editorial, ao explorar materiais inusitados e propor livros como objetos de experimentação artística. Também revelam como mulheres estrangeiras participaram ativamente da modernização gráfica brasileira, contribuindo para debates contemporâneos sobre autoria e memória gráfica.

Considerações finais

O estudo da trajetória e da produção editorial de Martha Schidrowitz possibilita ampliar o escopo intelectual e artístico da Memória Gráfica Brasileira. A definição do *corpus* e as questões de autoria e gênero são temas fundamentais no debate historiográfico, ao reunir fragmentos que permitem novas leituras do passado e ampliam a compreensão do presente. A análise de suas obras demonstra que sua atuação envolveu escolhas gráficas, materiais e simbólicas.

86

Do ponto de vista historiográfico, o resgate de Martha evidencia como a invisibilidade feminina não é um caso isolado, mas de um padrão estrutural de apagamento. Tornar visível a produção de Martha Schidrowitz é um gesto fundamental para o fortalecimento das pesquisas em design de livros no Brasil. Sua atuação reflete uma artista que explorou diversas linguagens visuais com esmero, conferindo identidade singular a cada obra. Reconhecer sua contribuição como ilustradora e idealizadora de projetos gráficos sofisticados representa um avanço na revisão histórica do papel feminino na inovação no design de livros no Brasil. A pesquisa procura valorizar o protagonismo de Martha, atribuindo-lhe o papel de projetista, além de ilustradora.

A partir da noção de função-autor (Chartier, 1999), a autoria de Martha articula sua formação nas vanguardas russas e sua vivência como imigrante no Brasil. Os livros revelam um projeto autoral voltado às elites culturais, que trata o objeto editorial como campo de experimentação, fora dos padrões das grandes tiragens. Hoje, a ilustração é reconhecida como forma de autoria — uma escrita com imagens, como define Odilon de Moraes (2018) —, o que reforça a necessidade de reconhecimento do seu trabalho. Assim, o ilustrador seria um “escritor de imagens”.

Surpreende o contraste entre o interesse despertado pela obra de Martha Schidrowitz entre bibliófilos e bibliotecários e sua pouca visibilidade entre designers e historiadores do livro. O acesso restrito aos exemplares raros limita sua circulação. As imagens aqui reproduzidas — obtidas em sites de leilão — apresentam o intercâmbio contemporâneo entre acervo e comércio e apontam caminhos para a complementação da pesquisa histórica em ambientes digitais. Nesse sentido, o caso evidencia a pertinência de cruzar fontes digitais e materiais, combinando rastreamento em repositórios e leilões online com a observação de exemplares preservados em acervos institucionais. O método — cruzamento de observação material e rastros digitais — oferece um modelo replicável para outros estudos em memória gráfica. Essa estratégia metodológica tornou possível reconstruir um *corpus* híbrido e dar consistência à análise, reforçando a validade de abordagens interdisciplinares capazes de articular fragmentos dispersos.

A relação entre bibliografia e biografia de Martha sinaliza uma chave interpretativa decisiva não só para situar uma produção relevante para a história de design brasileiro, mas para discutir as condições de legitimação de autoria, gênero, materialidade e valores simbólicos de coleções e a circulação transnacional no Brasil da primeira metade do século XX. Sua obra, rara e delicada como a orquídea que batiza a Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Cattleya Alba, valoriza as contribuições estéticas e profissionais de uma figura pouco reconhecida, oferece um campo de reflexão para a revisão crítica da historiografia e para a consolidação de métodos híbridos de pesquisa em memória gráfica. A partir de uma única pista nebulosa e sem materialidade,

localizou-se uma série de obras complexas, sofisticadas e de singular expressão artística. Assim, confirmaram-se indícios físicos que se complementaram por meio de rastros digitais.

Referências

BIRD, Matthew. Using digital tools to work around the canon. In: KAUFMANN-BUHLER, Jennifer; PASS, Victoria Rose; WILSON, Christopher S. (org.). **Design History beyond the Canon**. London: Bloomsbury Visual Arts, 2023. p. 111.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 196-219, jan./abr. 2020.

BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Edunesp, 1992.

CASA STEFAN ZWEIG (org.). **Biographical dictionary of refugees of Nazi Fascism in Brazil**. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2022.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Lendas brasileiras**: 21 histórias criadas pela imaginação de nosso povo. Rio de Janeiro: Cattleja Alba, 1945.

CHARTIER, Roger. Conferência proferida em 5 de novembro de 1999 no Salão Nobre do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, que abriu o debate com João Adolfo Hansen. **Topoi**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 197-216, 1999.

DEL PICCHIA, Menotti. **Juca Mulato**. Ilustração de Martha Pawlowna Schidrowitz. Rio de Janeiro: Leo Jerônimo Schidrowitz, 1947.

FERREIRA, Rubens da Silva; BATISTA, Denise Maria da Silva. A dama de espadas: a “orquídea” bibliográfica do acervo de Raymundo Castro Maya. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, n. 1, p. 152, jan./abr. 2018.

FLAVIA SANTOS LEILÕES. Juca Mulato (Menotti Del Picchia), 1947 — exemplar da Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Cattleja Alba. Disponível em: <https://www.flaviasantosleiloes.com.br/peca.asp?Id=22261459>

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: _____. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 264-298.

FRANCO, Álvaro; SILVA, Morency de Couto e; SCHIDROWITZ, Léo Jerônimo (org.). **Porto Alegre**: biografia duma cidade: monumento do passado, documento do presente, guia do futuro. Colaboração de Anor Butler Maciel et al. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1940. 663 p. Série Brasília Aeterna.

GENI. **Martha Schidrowitz**. Disponível em: <https://www.geni.com/people/Martha-Schidrowitz/6000000095743513165>

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Edusp, 2005.

MARTINS, Ana Luiza. Fontes para o patrimônio cultural: uma construção permanente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 279-288.

MORAES, Odilon de. “O ilustrador é um escritor de imagens”. **Blog Companhia das Letras**. São Paulo, 11 jan. 2018. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/BlogPost/3755/o-ilustrador-e-um-escritor-de-imagens>. Acesso em: 13 fev. 2025.

PUSCHKIN, Alexandre. **A dama de espadas**. Tradução de Álvaro Moreyra. Rio de Janeiro: Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Cattleja Alba, 1945.



RAGO, Margareth. Descobrimos historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 11, p. 89-98, 1998. Semestral.

RT LEILÕES. **Juca Mulato** (Menotti Del Picchia), 1947 — exemplar da Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Cattleya Alba. Disponível em: <https://rtleiloes.com.br/peca.asp?ID=15239581&ctd=9>

SALOMÃO, Rei. **O cântico dos cânticos**. Tradução de Augusto Frederico Schmidt. Ilustrações de Martha Pawlowna Schidrowitz. Caligrafia de Anita Joanna. Rio de Janeiro: Ursula Erika Schidrowitz, 1946. [Edição bibliófila; impressão sobre seda.]

SHAKESPEARE, William. **The winter's tale**. Tradução de Álvaro Moreyra. Rio de Janeiro: Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Cattleya Alba/Ursula Erika Schidrowitz, 1946.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Regina Gomide Graz: modernismo, arte têxtil e relações de gênero no Brasil. **Revista do IEB**, n. 45, p. 87-106, set. 2007.

VERA NUNES LEILÕES. **Juca Mulato** (Menotti Del Picchia), 1947 — exemplar da Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Cattleya Alba. Disponível em:

<https://www.veranunesleiloes.com.br/peca.asp?ID=18287665>

Sobre as autoras

Aline Haluch

Doutoranda em design Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre em design pela PUC-Rio e graduada pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Integra o Grupo de Estudos do Livro (GEL). Atua como pesquisadora em memória gráfica, história do design e cultura material, com ênfase em autoria feminina e produção editorial. É sócia da editora Rebuliço.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9155-2883>.

Helena de Barros

Doutora em design pela Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Esdi-UERJ). Professora associada da mesma instituição. Departamento de Programação Visual (DPV). Programa de Pós-graduação em Design (PPD Esdi).

ORCID: [ORCID 0000-0001-7862-2801](https://orcid.org/0000-0001-7862-2801).